

7 POLÍTICA AGRÍCOLA

INTRODUÇÃO

Em vista de sua exposição aos mercados internacionais, os preços agrícolas sofrem muito a influência da taxa de câmbio e dos preços internacionais. Como se viu no número anterior deste Boletim, os preços agrícolas domésticos subiram de forma generalizada e de maneira impressionante no segundo semestre do ano passado, contribuindo de maneira importante para a alta da inflação.

Nesta seção, procedemos à análise do comportamento dos preços dos produtos agrícolas desde o final do ano passado. Além disso, analisamos o comportamento previsto da safra deste ano, que, como era de se esperar, foi muito afetado pelo comportamento dos preços agrícolas no segundo semestre do ano passado, quando o plantio foi feito.

A EVOLUÇÃO RECENTE DOS PREÇOS AGRÍCOLAS

Como se pode notar nas Tabelas 7.1 e 7.2, os preços agrícolas se comportaram de maneira diferenciada a partir do trimestre setembro/novembro do ano passado, quando a maioria dos preços agrícolas passou por uma rápida elevação de preços. Enquanto os preços de alguns produtos, como o arroz, o feijão-preto, o milho, o trigo e a soja, reduziram-se, o mesmo não aconteceu com os preços de outros produtos, como o feijão cores, o café, o algodão, o açúcar e o álcool, que continuaram a subir. Já no caso dos preços dos produtos animais, todos eles deram um salto no período setembro/novembro, ficando estáveis a partir daí; essa estabilização revela-se claramente no caso dos bovinos (Gráfico 7.1).

A alta de preços dos produtos animais em nível do produtor, como não poderia deixar de acontecer, transmitiu-se inteiramente aos preços em nível de varejo, como mostra o Gráfico 7.2, onde se verifica que essa alta de preços das carnes também se esgotou, dando lugar à estabilidade ou mesmo à queda absoluta desses preços a partir de janeiro de 2003.

Por sua importância, cabe comentar melhor o caso do milho. Como mostra o Gráfico 7.3, após atingir um pico em dezembro — quando a paridade CIF de importação, em torno de R\$ 30, passou a determinar o preço doméstico — o preço do milho, como sempre acontece quando a safra se aproxima, iniciou uma queda, que, levando-se em conta o preço dos contratos para maio, poderá chegar a nada menos que 33%. Note-se que, segundo a Conab, o preço de paridade FOB exportação do milho posto em Campinas — que dá um piso para o preço doméstico do milho — é de R\$ 22,69, supondo uma taxa de câmbio de R\$ 3,50.

Para se entender melhor esses movimentos díspares dos preços agrícolas domésticos entre o final do ano passado e o início deste ano, é interessante ver o que aconteceu com os preços internacionais dos produtos agrícolas. Conforme mostra a Tabela 7.3, o comporta-

TABELA 7.1

Preços Agrícolas em Nível de Produtor ou Atacado — 2001/2003

[em R\$/unidade]

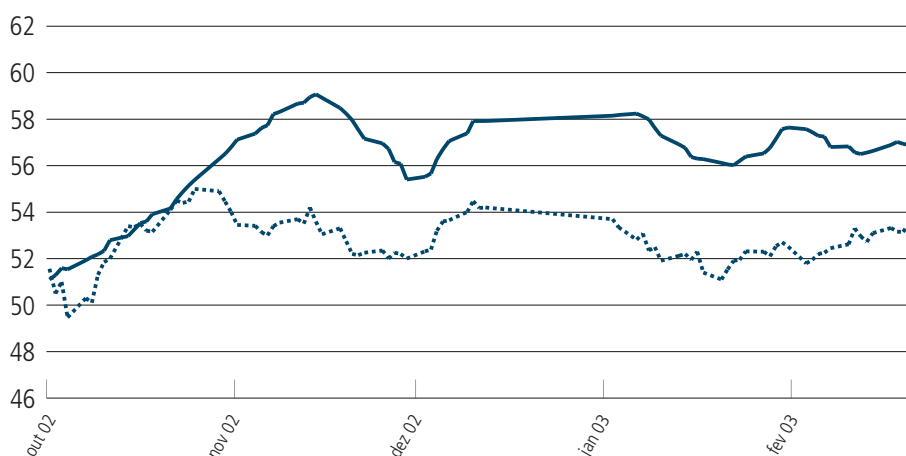
Período	Arroz Agulhinha (Saca de 50 kg)		Arroz Agulhinha ^P (Saca de 60 kg)		Feijão Preto ^P (Saca de 60 kg)		Feijão Cores ^A (Saca de 60 kg)	
	Mar.01	Mar.02	Mar.01	Mar.02	Mar.01	Mar.02	Mar.01	Mar.02
	a	a	a	a	a	a	a	a
	Fev.02	Fev.03	Fev.02	Fev.03	Fev.02	Fev.03	Fev.02	Fev.03
Março	26,1	27,5	12,5	14,8	37,5	57,4	74,8	66,2
Abril	25,3	27,2	12,3	15,2	40,6	55,3	69,6	68,2
Mai	27,9	29,2	14,1	16,5	46,6	52,7	62,9	66,7
Junho	29,6	29,5	15,4	17,4	59,0	55,9	61,4	79,5
Julho	28,5	29,3	15,1	18,0	62,1	64,1	62,1	89,8
Agosto	28,7	31,3	15,7	20,7	74,9	62,7	65,5	75,8
Setembro	32,8	32,5	18,7	21,4	84,1	61,8	62,2	77,6
Outubro	33,7	39,9	19,0	26,3	88,5	68,6	65,2	76,6
Novembro	33,1	40,9	18,8	28,8	80,1	64,4	54,0	93,2
Dezembro	32,6	38,0	18,5	28,0	70,4	67,0	55,9	116,0
Janeiro	31,5	37,6	17,8	28,0	58,7	59,3	70,2	120,8
Fevereiro*	29,1	37,0	15,8	27,5	54,5	60,8	66,7	129,2

Período	Milho ^A (Saca de 60 kg)		Trigo ^P (Saca de 60 kg)		Café Conillon ^P (Saca de 60 kg)		Café Arábica ^P (Saca de 60 kg)	
	Mar.01	Mar.02	Mar.01	Mar.02	Mar.01	Mar.02	Mar.01	Mar.02
	a	a	a	a	a	a	a	a
	Fev.02	Fev.03	Fev.02	Fev.03	Fev.02	Fev.03	Fev.02	Fev.03
Março	9,8	12,6	14,1	17,2	-	55,5	125,2	116,4
Abril	10,1	13,5	14,5	17,1	-	57,4	117,0	117,8
Mai	9,5	14,5	15,0	18,1	-	58,6	130,2	107,5
Junho	10,0	14,7	16,0	19,7	-	65,7	125,2	106,4
Julho	10,9	15,9	16,5	21,4	-	69,8	117,0	104,7
Agosto	12,5	17,5	16,3	24,6	-	72,5	113,9	109,2
Setembro	12,7	19,5	16,0	28,6	-	94,7	112,0	136,0
Outubro	12,8	24,8	15,6	36,9	-	114,6	104,4	167,7
Novembro	13,4	30,8	16,2	32,3	55,8	134,0	111,1	178,7
Dezembro	13,6	28,9	16,2	29,0	51,7	146,9	105,0	184,1
Janeiro	13,5	27,9	16,7	28,9	50,7	151,3	110,0	190,7
Fevereiro*	13,5	24,2	17,1	30,0	49,4	155,4	110,8	197,2

Fontes: 1) Conab: arroz agulhinha, feijão cores e milho; 2) Seab/Deral: feijão preto e trigo; 3) Cepea: café conillon e café arábica. Elaboração: IPEA/DIMAC.

Notas: ^P Produtor (principal estado produtor): arroz agulhinha = RS, feijão preto = PR, trigo = PR, café conillon = ES, café arábica = SP. A Atacado: agulhinha = SP, feijão cores = SP, milho = SP. *A informação de fevereiro de 2003 é referente à primeira semana do mês.

GRÁFICO 7.1

Evolução do Preço do Boi Gordo — Out.2002/Fev.2003

Fonte: BM&F. Elaboração: IPEA/DIMAC.

— Preço Corrente Preço para maio de 2003

TABELA 7.2

Preços Agrícolas em Nível de Produtor ou Atacado — 2001/2003

[em R\$/unidade]

Período	Algodão ^A (15 kg)		Soja ^P (Saca de 60 kg)		Bovinos ^P (15 kg)		Frango ^P (1 kg)	
	Mar.01 a Fev.02	Mar.02 a Fev.03	Mar.01 a Fev.02	Mar.02 a Fev.03	Mar.01 a Fev.02	Mar.02 a Fev.03	Mar.01 a Fev.02	Mar.02 a Fev.03
	Março	30,3	32,6	17,1	20,3	40,1	45,4	1,10
Abril	30,3	32,2	17,2	21,4	42,0	43,1	1,29	0,98
Mai	29,0	32,2	18,7	24,0	41,4	42,3	1,07	0,99
Junho	28,5	32,3	21,2	27,9	41,4	43,0	1,29	1,02
Julho	28,5	35,0	25,0	31,6	41,7	44,3	1,18	1,05
Agosto	28,6	40,6	26,5	35,1	42,8	49,8	1,06	1,18
Setembro	28,6	47,1	27,6	39,7	43,6	50,3	1,05	1,22
Outubro	28,2	48,9	28,6	44,7	47,2	54,1	0,93	1,25
Novembro	27,0	54,0	29,8	45,5	46,4	58,7	1,15	1,45
Dezembro	28,4	60,0	26,6	47,1	46,8	58,4	1,32	1,46
Janeiro	30,4	61,9	24,1	42,2	46,5	58,2	1,31	1,51
Fevereiro*	33,0	62,2	21,2	41,0	46,0	58,0	1,26	1,42

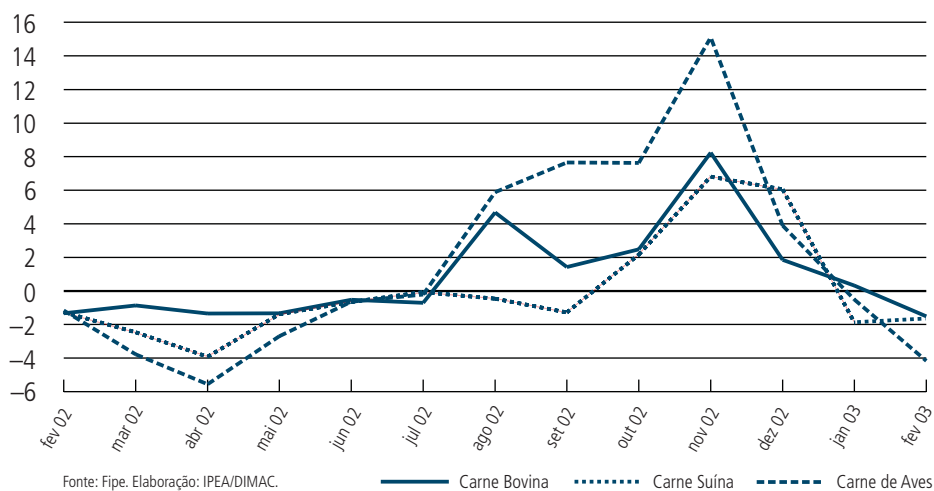
Período	Suínos ^P (1 kg)		Leite Tipo C ^P (litro)		Açúcar ^A (R\$/saca de 50kg)		Álcool ^A (R\$/litro)	
	Mar.01 a Fev.02	Mar.02 a Fev.03	Mar.01 a Fev.02	Mar.02 a Fev.03	Mar.01 a Fev.02	Mar.02 a Fev.03	Mar.01 a Fev.02	Mar.02 a Fev.03
	Março	1,60	1,61	0,35	0,32	23,4	21,3	0,63
Abril	1,87	1,44	0,38	0,35	24,8	20,8	0,61	0,61
Mai	1,81	1,39	0,41	0,37	24,1	20,7	0,58	0,57
Junho	1,81	1,57	0,41	0,39	23,4	18,8	0,57	0,48
Julho	1,87	1,67	0,40	0,40	23,7	19,2	0,59	0,47
Agosto	1,86	1,51	0,36	0,40	22,8	23,0	0,62	0,49
Setembro	1,73	1,59	0,33	0,40	23,6	24,5	0,63	0,57
Outubro	1,85	1,80	0,30	0,40	23,9	34,5	0,63	0,65
Novembro	2,17	1,93	0,28	0,42	23,8	40,1	0,63	0,76
Dezembro	2,13	2,15	0,28	0,44	24,4	39,8	0,63	0,78
Janeiro	2,05	2,26	0,28	0,44	25,6	41,9	0,62	0,92
Fevereiro*	1,78	2,23	0,30	n.d.	22,9	45,8	0,61	1,04

Fontes: 1) Conab: algodão, soja, bovinos, frango e suínos; 2) Cepea: leite tipo C, açúcar e álcool. Elaboração: IPEA/DIMAC.

Notas: ^PProdutor (principal estado produtor): soja = PR, bovinos = SP, frango = SP, suínos = SP e leite = MG. A Atacado: algodão = SP, açúcar = SP, álcool = SP.

*A informação de fevereiro de 2003 é referente à primeira semana do mês.

GRÁFICO 7.2

Taxas de Variação Mensal dos Preços da Carne Bovina, Suína e de Aves no Varejo — Fev.2002/Fev.2003

Fonte: Fipe. Elaboração: IPEA/DIMAC.

TABELA 7.3

Preços Agrícolas Internacionais — 2001/2003

Período	Soja em Grão (US\$/t)		Milho (US\$/t)		Trigo (US\$/t)		Algodão (US\$/cents/lp)	
	Mar.01 a Fev.02	Mar.02 a Fev.03	Mar.01 a Fev.02	Mar.02 a Fev.03	Mar.01 a Fev.02	Mar.02 a Fev.03	Mar.01 a Fev.02	Mar.02 a Fev.03
	Março	164	169	83	80	99	102	50
Abril	159	171	81	78	97	99	43	36
Maio	164	177	77	81	97	100	44	35
Junho	170	185	76	83	94	106	41	41
Julho	187	209	84	91	101	120	41	46
Agosto	182	208	85	102	99	128	39	45
Setembro	172	208	85	106	100	147	36	42
Outubro	161	200	82	99	103	144	31	44
Novembro	162	210	81	96	104	142	33	48
Dezembro	160	208	81	94	104	127	36	50
Janeiro	160	209	81	93	109	118	37	51
Fevereiro*	160	210	81	93	103	120	36	51

Período	Café Arábica (US\$/cents/lp)		Café Robusta (US\$/cents/lp)		Arroz (US\$/t)		Açúcar (US\$/cents/lp)	
	Mar.01 a Fev.02	Mar.02 a Fev.03	Mar.01 a Fev.02	Mar.02 a Fev.03	Mar.01 a Fev.02	Mar.02 a Fev.03	Mar.01 a Fev.02	Mar.02 a Fev.03
	Março	62	52	31	30	182	194	8,8
Abril	59	54	29	30	171	196	8,6	5,8
Maio	63	49	30	29	171	205	9,0	5,6
Junho	57	48	29	29	173	208	8,9	5,4
Julho	53	49	28	29	178	204	8,6	5,8
Agosto	50	48	26	29	173	195	8,0	5,9
Setembro	49	57	24	33	176	191	7,4	6,7
Outubro	45	62	21	34	173	192	6,6	7,3
Novembro	45	66	22	39	178	192	7,3	7,5
Dezembro	45	62	24	39	184	189	7,4	7,6
Janeiro	48	65	23	43	198	203	7,4	7,9
Fevereiro*	45	63	24	nd	201	200	6,3	8,8

Fontes: 1) Conab: soja em grão, milho, trigo, algodão, café arábica, arroz e açúcar; 2) FMI: café robusta.
Elaboração: IPEA/DIMAC.

* A informação de fevereiro de 2003 é referente à primeira semana do mês.

GRÁFICO 7.3

Evolução do Preço do Milho — Jul.2002/Fev.2003



Fonte: BM&F. Elaboração: IPEA/DIMAC.

— Preço à vista Preço para maio de 2003

mento desses preços também tem sido muito variado, com alguns preços tendo permanecido estáveis, como os preços da soja, do café, do arroz e do açúcar, enquanto outros, como os do trigo e do milho, apresentaram uma tendência claramente descendente desde setembro do ano passado. O algodão é um dos poucos produtos cujo preço continuou subindo, o que certamente contribuiu para a elevação do preço doméstico mostrada na Tabela 7.2, embora, como veremos, a previsão de escassez doméstica também esteja contribuindo para essa alta que vem ocorrendo nos preços de algodão.

Em face dessa tendência à estabilidade ou mesmo queda dos preços internacionais das *commodities* agrícolas, e considerando também a valorização cambial que ocorreu em janeiro e a proximidade da safra, não é de estranhar que os preços agrícolas venham apresentando um comportamento mais favorável nesse início de ano. Na verdade, pode-se mesmo esperar que esse fenômeno de queda absoluta dos preços agrícolas se intensifique a partir do mês de março.

A PREVISÃO DA CONAB PARA A SAFRA AGRÍCOLA EM 2003

A Tabela 7.4 apresenta os resultados do Terceiro Levantamento de Safra 2002/2003 da Conab. O fenômeno sem dúvida mais impressionante nessa tabela são as elevadas taxas de crescimento de área (10%) e produção (18,5%) da soja; isso fará com que a expansão do volume produzido de soja venha a representar quase metade da expansão do volume total de grãos, mesmo considerando o aumento significativo esperado das colheitas de milho e trigo.

Como mostra também a tabela, essa expansão fantástica da área de soja foi acompanhada de um crescimento praticamente nulo da área de outras culturas importantes, como o milho primeira safra e o arroz e o algodão produzidos no Centro-Oeste. Felizmente, no caso do milho, o clima ajudou, e a quantidade produzida esperada não acompanhou a queda da área plantada. No caso do arroz, esse problema de concorrência com a soja no Centro-Oeste poderia ter sido amenizado por uma expansão maior do arroz irrigado do Rio Grande do Sul, o que não aconteceu, contudo, devido às chuvas excessivas ocorridas na época do plantio. Já no caso do algodão, sabe-se que a produção brasileira passou, nos anos mais recentes, a depender quase que totalmente do Centro-Oeste, o que faz com que a produção nacional de algodão seja afetada negativamente sempre que o plantio da soja se torna atrativo. De qualquer maneira, o fato é que a situação de abastecimento tanto do arroz quanto do milho deteriorou-se claramente, como mostra a evolução da razão estoques/consumo nos últimos cinco anos, apresentada na Tabela 7.5.

Um outro produto cujo comportamento da oferta (e dos preços) também deverá ficar muito aquém do desejado é o feijão. Aliás, a recorrência de problemas com as safras de feijão tem-nos levado, neste Boletim, a considerá-lo o “primo pobre” da agricultura brasileira. De fato, como se pode ver no Gráfico 7.4, os preços do feijão-preto e do feijão cores têm-se mantido em níveis excessivamente elevados desde o início de 2001, quando se iniciou a sucessão de quebras de safra (tanto em quantidade quanto em qualidade). Como o feijão não possui um mercado internacional, deve-se tentar de tudo para que a produção doméstica aumente, aproveitando ainda as possibilidades da terceira safra. Como o problema atual não é de preços baixos, há pouco o que fazer na área da política de preços mínimos, restando, então, a política de crédito. Cabe verificar, de qualquer modo, num horizonte de tempo mais amplo, se se está devotando à pesquisa do feijão a priori-

TABELA 7.4

CONAB — Terceiro Levantamento de Safra 2002/2003 e Comparação com a Safra 2001/2002

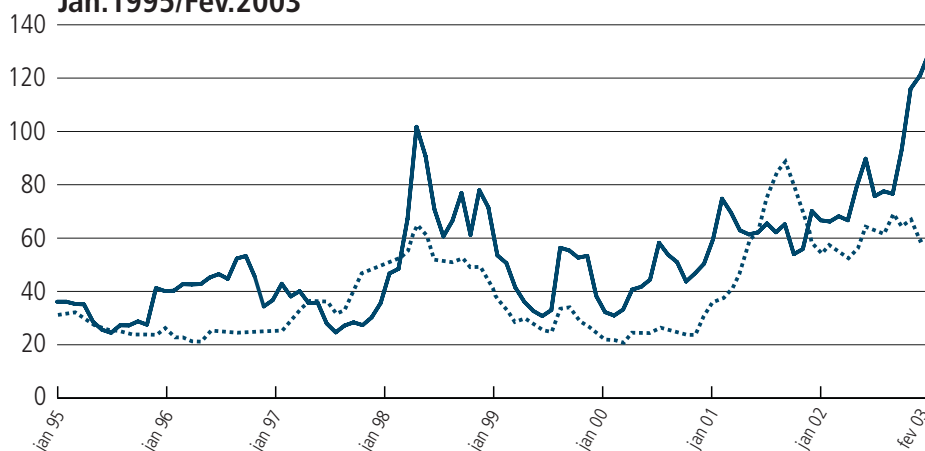
Cultura	Área Plantada (em 1000 ha)			Produção de Grãos (em 1000 t)		
	Safra 2001/2002	Safra 2002/2003	Varição (%)	Safra 2001/2002	Safra 2002/2003	Varição (%)
Algodão	747,7	715,0	-4,4	1.245,2	1.316,4	5,7
Arroz	3.229,7	3.194,2	-1,1	10.655,6	11.110,1	4,3
Sul	1.201,5	1.195,3	-0,5	6.576,6	6.590,6	0,2
Centro-Oeste	605,2	560,6	-7,4	1.650,1	1.551,3	-6,0
Norte	541,9	563,9	4,1	1.119,5	1.267,3	13,2
Nordeste	735,3	734,1	-0,2	966,4	1.371,1	41,9
Feijão Total	4.279,4	4.292,6	0,3	2.939,2	3.005,0	2,2
Feijão 1ª Safra	1.417,3	1.396,1	-1,5	1.303,0	1.242,4	-4,7
Centro-Sul	1.008,6	1.007,7	-0,1	1.131,9	1.091,7	-3,6
Nordeste	406,0	385,7	-5,0	169,7	149,3	-12,0
Feijão 2ª Safra	2.038,7	2.073,1	1,7	1.012,9	1.139,3	12,5
Centro-Sul	540,3	557,1	3,1	550,9	607,9	10,3
Norte	161,6	161,2	-0,2	114,4	105,8	-7,5
Nordeste	1.336,8	1.354,8	1,3	347,6	425,6	22,4
Feijão 3ª Safra	823,4	823,4	0,0	623,3	623,3	0,0
Milho Total	12.323,3	12.620,4	2,4	35.267,5	40.828,5	15,8
Milho 1ª Safra	9.438,3	9.406,0	-0,3	29.087,0	31.860,7	9,5
Centro-Sul	6.563,5	6.456,5	-1,6	26.507,1	28.475,5	7,4
Norte	495,8	497,1	0,3	841,9	888,2	5,5
Nordeste	2.379,0	2.452,4	3,1	1.738,0	2.497,0	43,7
Milho 2ª Safra	2.885,0	3.214,4	11,4	6.180,5	8.967,8	45,1
Centro-Sul	2.562,4	2.891,8	12,9	5.916,0	8.703,3	47,1
Nordeste	322,6	322,6	0,0	264,5	264,5	0,0
Soja	16.324,4	17.956,3	10,0	41.906,9	49.647,3	18,5
Trigo	2.051,6	2.317,6	13,0	2.913,9	4.500,0	54,4
Outras Lavouras*	1.178,6	1.215,0	3,1	1.656,6	1.953,8	17,9
Brasil	40.134,7	42.311,1	5,4	96.584,9	112.361,1	16,3

Fonte: Conab. Elaboração: IPEA/DIMAC.

* Outras lavouras: amendoim, aveia, centeio, cevada, girassol, sorgo e mamona.

GRÁFICO 7.4

Evolução do Preço do Feijão Cores^A e do Feijão-Preto^P — Jan. 1995/Fev. 2003



Fontes: 1) Conab; feijão cores; 2) Seab; feijão-preto. Elaboração: IPEA/DIMAC.

Notas: ^AAtacado, ^PProdutor

— Feijões Cores Feijões Preto

TABELA 7.5

Arroz e Milho — Evolução da Razão**Estoques no Início do Ano/Consumo Previsto para o Ano — 1997/2003**

[em %]

Período	Arroz	Milho
1997	0,34	0,25
1998	0,23	0,27
1999	0,09	0,19
2000	0,15	0,14
2001	0,18	0,10
2002	0,12	0,12
2003	0,08	0,04

Fonte: Conab. Elaboração: IPEA/DIMAC.

dade e os recursos financeiros e humanos condizentes com a importância do produto na cesta básica.

UMA VOLTA AO “PROBLEMA DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS” DA DÉCADA DE 1970?

Esse efeito adverso da desvalorização cambial e da instabilidade de mercados sobre alguns produtos alimentares básicos, como o feijão, o arroz e o milho parece reviver a década de 1970, quando se discutia muito a respeito da existência de um “problema da produção de alimentos” na economia brasileira, o qual seria um subproduto da política de estímulo aos produtos de exportação, como a soja.

No caso específico do milho, é necessário evitar que o preço caia na safra a ponto de se viabilizarem as exportações, como aconteceu em 2001 e 2002. Em 2001, quando a safra de milho foi muito boa e a taxa de câmbio ainda não tinha sofrido uma desvalorização tão alta, o preço doméstico desabou na safra, o que fez com que se exportassem quase 6 milhões de toneladas. Em 2002, mesmo numa situação de safra curta de milho, exportaram-se 2,5 milhões de toneladas, criando-se a situação atual de completa escassez. Na verdade, na ausência de uma política que impeça essa queda de preços na safra, a Conab está prevendo para este ano a exportação de outros 3 milhões de toneladas de milho, o que repetiria o que ocorreu no ano passado e que fez com que o preço do milho batesse no nível dos R\$ 30 a saca.

Note-se que uma política de formação de estoques de milho não tem necessariamente que envolver a aquisição do produto pelo governo já na safra, ainda mais numa situação em que a previsão é de que o preço de mercado será muito superior ao preço mínimo. Estoques públicos acabam ficando muito caros e, ao tirarem a transparência dos mercados, acabam afetando negativamente a estocagem privada. Não cabe, tampouco, taxar as exportações, pois esse imposto acaba fazendo cair a produção doméstica, o que é um resultado indesejável. Além do mais, o apelo a intervenções abruptas desse tipo reduz também a estocagem privada. A política do governo, como aliás está sendo estudado pela Conab, deveria procurar estimular ao máximo a estocagem do milho ainda na safra que se aproxima, usando os instrumentos de que já dispõe, como os contratos de opção e o financiamento de EGF-SOV à indústria. A meta é fazer com que as expectativas de preço do milho na entressafra se tornem suficientemente atraentes a ponto de fomentar a estocagem privada na safra, desestimulando, assim, as exportações de milho, que ocorrem em maior quantidade na época da safra. É claro que, quanto maior o preço de exercício estabelecido nos contratos de opção a serem oferecidos no período de safra que se avizinha, maior a chance de sucesso nessa

sustentação de preço do milho na safra imediata, e maior também a chance de o governo adquirir o produto na entressafra, formando estoques públicos. O governo pode, contudo, preferir a liquidação financeira desses contratos de opção, em vez de formar estoques.

No caso do arroz, o problema decorrente da insuficiência da produção nacional tornou-se mais grave devido à queda da produção que ocorre na Argentina e no Uruguai desde 1998, em função da crise econômica que esses países têm enfrentado. A Argentina, por exemplo, simplesmente reduziu sua produção de 1,6 milhão de toneladas, em 1998, à metade, este ano. Nessas condições, deve-se renegociar, no âmbito do Mercosul, as restrições impostas à importação de arroz pelo Brasil, pois essa é a única maneira de se evitar que os preços do arroz continuem nos elevados níveis atuais.

SUMÁRIO E CONCLUSÕES

Esta seção mostra que ocorreu uma estabilização e mesmo queda de alguns preços agrícolas domésticos importantes, devido a três fatores: *a)* valorização cambial; *b)* queda de preços internacionais, com destaque para o trigo; e, sobretudo, *c)* entrada da safra, com algumas surpresas favoráveis, como o caso do milho.

Mostrou, também, que se afigura crítica este ano a situação de abastecimento interno do arroz, do feijão e do milho, a menos que o governo aja rapidamente tanto no estímulo à produção doméstica (sobretudo no caso do feijão), quanto a maior liberalização das importações (caso do arroz) e maior retenção doméstica na safra para prevenir escassez aguda no segundo semestre (caso do milho).